

TORCIDAS JOVENS CARIOCAS: SÍMBOLOS E RITUALIZAÇÃO¹

Rosana da Câmara TEIXEIRA

(Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ)

INTRODUÇÃO

As torcidas jovens cariocas constituem o tema deste artigo. No Rio de Janeiro, elas surgiram entre o final dos anos 60 e o início dos anos 70, encontrando-se entre as mais importantes de seus clubes seja em número de participantes, seja pela visibilidade obtida junto à mídia. As imagens e as interpretações veiculadas nos meios de comunicação enfatizam a transgressão e a agressividade deliberada como características centrais desses agrupamentos. Logo, quando se afirma que estas torcidas são “violentas”, o que está suposto é que elas promovem a “desordem”, “intimidam”, praticam atos de “delinqüência e “vandalismo”, ferindo-se fisicamente, envolvendo e prejudicando outras pessoas.

Investigando as características deste tipo de sociabilidade, apresento e discuto símbolos que identificam as torcidas jovens e sua forma de ritualização no estádio. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é procurar entender como o conflito e a rivalidade são apropriados e reinterpretados pelos torcedores, refletindo sobre as condições sociais em que produzem sua experiência.

Considero, portanto, as torcidas jovens cariocas, agrupamentos coletivos que promovem uma determinada sociabilidade juvenil no meio urbano, apesar dos padrões de conduta e convivência que produzem não se reduzirem a esta esfera. Supondo que tais torcidas dramatizem certos aspectos da sociedade brasileira (Damatta 1994), destaco aquele que explicita uma certa forma de ser jovem e a produção de uma dada cultura juvenil (Pais 1995). Por tudo isto, quando falo em “torcida jovem” estou referindo-me menos a uma faixa etária objetivamente definida e mais a um certo “espírito”, “estilo de vida”, que para esses torcedores caracteriza o pertencimento e, que nos seus discursos, aparece associado à paixão,

à dedicação, ao desprendimento e, em alguns casos, à aceitação do perigo. Essa talvez seja a matriz comum as suas representações.

TORCIDAS JOVENS CARIOCAS: SURGIMENTO E ORGANIZAÇÃO

No Rio de Janeiro, entre as organizações torcedoras, as Torcidas Jovens destacam-se como as mais importantes de seus clubes, seja pelo seu tamanho, seja pelo reconhecimento como a mais temida, ou ainda, pelas duas razões.

Historicamente, a Torcida Jovem do Flamengo foi o primeiro agrupamento deste tipo a se constituir (6/12/1967), seguida pela Torcida Jovem do Botafogo (9/9/1969), pela Força Jovem do Vasco (criada em 1969, mas oficialmente fundada em 12/2/1970) e pela Young Flu do Fluminense (12/12/1970).

De um modo geral, os entrevistados relacionam o surgimento das Torcidas Jovens ao desejo de um grupo de amigos, torcedores de futebol que freqüentavam juntos os estádios, de ir além do incentivo ao time (como as outras organizadas), mas igualmente protestar frente ao clube. Segundo um dos informantes, eram “jovens”, não trabalhavam, muitos recebiam mesada e a utilizavam para fazer camisas ou comprar material como faixas e bandeiras. Amigos, muitas vezes do mesmo bairro se reuniam, iam aos jogos, mas não tinham uma estrutura mais formalizada. Esta foi sendo construída paulatinamente.

Para o presidente de uma das torcidas, o nome Jovem tem a ver com a conjuntura do final dos anos 60 e início da década de 70 quando se observava a explosão do movimento jovem, não apenas no Brasil, mas em vários países. A formação de tais torcidas teria recebido a influência, em sua opinião, desse contexto mais amplo.

“Se você for ver a época de inauguração, de fundação, é tudo 68, 69, 70. Na verdade, a Força Jovem começou em 69. Quer dizer, começou um movimento de ficar ali atrás do gol, o pessoal mais jovem, porque antigamente as torcidas eram conhecidas como organizadas, a do Vasco, tinha a Charanga que era do Flamengo, tinha a do Fluminense também. Então, era um pessoal de 40, 50 anos com uma

bandinha, que era um pessoal mais atrelado ao clube, eles faziam o que o clube queria, o time estava mal eles não protestavam. As torcidas jovens surgiram exatamente nesta época, começou todo um movimento jovem, até contra a ditadura mesmo, contra a repressão na época, que começou a criar um espírito diferente nas arquibancadas, de protestar quando o time está mal e aí começou a surgir mais ou menos nessa época, em 70. Aí foram denominadas de torcidas jovens, Torcida Jovem, Força Jovem.”

O crescimento dessas agremiações torcedoras em número de participantes aliado à definição dos objetivos e projetos que orientariam sua conduta, levou-as a uma estruturação maior ou, em alguns casos, a uma reestruturação.

Muitos agrupamentos formaram-se a partir de dissidências, sendo comum, também, a incorporação de torcidas. No caso das Jovens, os torcedores gostam de situar seu surgimento em contraposição às torcidas organizadas então existentes, consideradas submissas ou comprometidas com os dirigentes dos clubes. Deste modo, o que enfatizam é o desejo de serem independentes para se posicionarem criticamente.

Registradas como Grêmio Recreativo Social e Cultural, tais torcidas reafirmam seu caráter de entidades sem fins lucrativos. Todas dispõem de um organograma básico que inclui Presidência/Diretoria/Associados². Entre meados da década de 80 e o início dos anos 90 as Jovens crescem e se organizam de forma expressiva assumindo, desde então, um aspecto cada vez mais profissional, ganhando visibilidade enquanto empresas pautadas por um organização interna e projetos comuns que norteiam suas ações. O grande crescimento desses agrupamentos, na virada dos anos 90, levou-os a dividirem-se por regiões que compreendem bairros, cidades próximas, outros estados e, em alguns casos, países. Isto significa que tais torcidas têm um caráter extra-local.

A Torcida Jovem do Flamengo divide-se em *pelotões*, a Torcida Jovem do Botafogo em *esquadrões*, a Força Jovem do Vasco em *famílias* e a Young Flu em *núcleos*. Para cada um dos segmentos existe um líder que pode ser indicado ou eleito (depende da torcida) e cuja função é coordenar seu grupo, servindo como uma espécie de elo, fazendo mediação entre a Diretoria e os componentes sob sua responsabilidade. Cabe a ele fazer reuniões, cadastrar

componentes (é esperado que ele traga o maior número possível deles para a torcida), podendo promover festas e churrascos para arrecadar o capital necessário à produção de seu próprio material como faixas, bandeiras e adesivos. Sempre que consideram necessário ou quando solicitado, os diretores comparecem às reuniões para reforçar sua autoridade e autonomia.

Vale dizer que, em todas as torcidas, foi mencionada a existência de agrupamentos femininos. No entanto, segundo a maioria dos torcedores, além deles não serem bem estruturados, dificilmente as mulheres se tornam lideranças por não terem o mesmo engajamento que os homens ou não quererem esta responsabilidade, especialmente porque isso exigiria a sua presença em todos os jogos, participação em reuniões, etc. Embora afirmem que a participação feminina é crescente, admitem, por outro lado, que não é constante, estando sua inserção nestes grupos vinculada, em geral, aos irmãos, namorados ou a amigas.

É interessante registrar que nem todos os torcedores são atuantes e a rotatividade é muito grande, ou seja, além daquele grupo fiel de participantes (podem ter entre 5 e 15 anos de atuação), existem aqueles que atuam durante um certo tempo e depois desaparecem, ou ainda, os que acompanham todo o campeonato, saem e depois retornam. Foram relatados, também, casos de integrantes que só vão aos jogos sem manter um contato mais assíduo com a torcida.

Na linguagem torcedora, os líderes constituem “o pessoal de frente”, “os cabeças”, diferenciando-se da “molecada”, da “garotada”, maioria dos integrantes entre 80 a 90% da torcida, situada na faixa que vai dos 15 aos 18 anos, enquanto os primeiros teriam entre 25 e 35 anos. Estes frisaram em seus depoimentos que a “molecada é fundamental”, “é o coração” da torcida, sem eles não há vibração:

“Porque tem a molecada, a molecada é que funciona dentro da torcida, eles é que fazem essa coisa toda (...) é fundamental, ...totalmente...eles é que são a torcida mesmo, eles é que vibram mesmo, eles é que sacodem a bandeira com aquele amor...sem eles a torcida não existe.”

Sem dúvida, a idéia de que é o amor ao time que dá acesso a esse universo parece central. Assim não se considera nem origem familiar, nem escolaridade, nem idade. Tampouco é necessário comprovação de renda. Crucial é a “disposição” para esse tipo de ação torcedora e quanto maior for a “disposição” demonstrada pelo componente, maior prestígio e visibilidade ele vai ganhando entre os membros mais antigos podendo, a partir daí, construir sua própria carreira dentro da torcida.

“A gente vai criando aquelas amizades, a gente vai fechando aquele círculo de amizades, aquela coisa toda, teve um processo de eleição, me chamaram. (...) O cara que se destaca na torcida ele pode se candidatar. Aí me convidaram para ser diretor de faixas e bandeiras. Aí, eu aceitei porque eu já fazia esse serviço, eu ia lá amarrar, cuidava das bandeiras, eu levava. Ser diretor ou não para a gente não significa nada entendeu? Porque a gente gosta tanto dessa torcida que a gente se acha meio pai dela, a gente se preocupa tanto que a gente fica assim ‘vamos organizar’, ‘vamos fazer isso’. Se candidatando você pode colocar suas idéias melhor.”

Se o amor ao clube é um requisito fundamental, a dedicação à torcida, mesmo nos momentos mais adversos, resultantes de problemas financeiros, conflitos internos, ou com os dirigentes, permite que o torcedor manifeste sua fidelidade e amor ao próprio agrupamento.

SÍMBOLOS E RITUALIZAÇÃO ENTRE AS JOVENS

A partir dos depoimentos é possível perceber que a década de 80 aparece como um momento privilegiado para a afirmação da identidade coletiva das Torcidas Jovens, com a definição de símbolos e a criação de divisões internas que os caracterizam até hoje. Grande parte dos entrevistados começou a freqüentar as torcidas nesta época, o que teria possibilitado que vivenciassem parte dessas mudanças ou que as percebessem significativamente.

No que concerne aos símbolos, pode-se dizer que eles constituem verdadeiros sinais de identificação e distinção entre as torcidas.

A Torcida Jovem do Flamengo denomina-se “o exército rubro-negro”. Tem como marca um tanque com três canhões e o escudo do Flamengo ao centro. Seu lema é: “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo”.



(Torcida Jovem do Flamengo)

A Torcida Jovem do Botafogo é representada por uma caveira, com dois ossos cruzados, tendo na testa a estrela solitária, símbolo do clube. Seu *slogan* é “Torcida Jovem, sempre onde o Botafogo estiver”.



(Torcida Jovem do Botafogo)

A Força Jovem do Vasco, por sua vez, tem como mascote *Eddie*, uma criatura cujo rosto é o de uma caveira apropriada do grupo de *heavy-metal* Iron Maiden. Vestindo calças jeans, casacos de couro, botas e correntes, pode ser representado como motoqueiro, piloto de avião ou ainda saindo do mar. Geralmente, tem a mão estendida na direção do espectador,

como se fosse pegá-lo. Muitas vezes, juntamente com *Eddie* estão presentes a nau, o escudo e/ou a Cruz de Malta, marcas registradas do Vasco da Gama. O lema desta torcida é “Vasco por amor, Força Jovem como ideal”, impresso em letras góticas, que segundo os torcedores representam “tradição e respeito”.



(Força Jovem do Vasco)

Finalmente, a Young Flu tem como marca o próprio nome registrado no escudo do time, com caracteres em estilo oriental. Em algumas camisas da torcida está escrito: “Young Flu até morrer”.



(Torcida Young Flu)

A que remetem tais símbolos? O que estariam enfatizando? Observando-os atentamente percebemos a predominância de elementos tomados de empréstimo do universo

militar (tanques, canhões, exército, esquadrão, pelotão) e figuras que indicam perigo e/ou morte (caveiras, caveiras com adagas cravadas, caveiras com dois ossos cruzados³, monstros com armas).

Além destes, são usados dragões, personagens poderosos como Hulk, He-Man e líderes que estejam em evidência ou expressem no imaginário da torcida, bravura, coragem, como Aiatolá Khomeini, Saddam Hussein e Che Guevara.



“A gente vai fazer uma camisa, uma touca, um boné com a foto do Che Guevara de 30 anos, porque Che Guevara completou 30 anos de morte e a torcida vai fazer 30 anos em dezembro, vai parecer uma coisa só. A gente se identificou com a causa dele, ele não se rendeu ao capitalismo, se aliou ao Fidel Castro, porque ele não queria se integrar ao poder dos Estados Unidos e a gente se identificou, a gente tem uma lema: antes morrer de pé do que abaixado. Hoje em dia o idealismo ficou meio massacrado, hoje é o lucro excessivo, quanto mais você lucrar... é a mentalidade moderna, né?”

Assim, a escolha desses elementos não parece algo arbitrário que recaia apenas em suas características intrínsecas. Há que se considerar a lógica do universo relacional e a dimensão imaginária existentes entre esses torcedores, a sociedade e o futebol (Toledo 1996:55). Isto significa que sobre tais símbolos são projetados noções e sentimentos que estão fora deles mas através dos quais as Torcidas Jovens colocam em foco valores como força, garra, astúcia, coragem, fidelidade como demonstram os depoimentos de torcedores do Flamengo, Botafogo e do Vasco, respectivamente:

“Nós tínhamos a idéia de fazer um tanque. Nós somos um exército, nós passamos por cima de tudo e de todos, então nós somos o Exército rubro-negro. Sempre passamos por cima de todos eles, retroceder nunca, render-se jamais.”

“Nós temos um brasão e temos uma caveira que é nosso segundo brasão. Um caveira com uma estrela; tem o nosso brasão oficial que a gente usa na nossa camisa, é nossa marca. Essa caveira a gente não sabe quem criou, a caveira é mais para cá, o brasão é mais antigo, desde sua fundação em 69. A caveira é uma coisa de 83, 84, mas a gente não sabe quem criou...Certas coisas a gente não pode tirar da torcida são marcas registradas nela.”

“Família surgiu porque é um negócio mais assim...porque a gente sempre cultivou muito a amizade...a gente cria um círculo de amigos tão forte que é como se fosse um irmão, entendeu? Na época a gente colocou família porque acreditava nessas idéias.”

“Por que Young? Young é jovem. É garra, é dinamismo, é ideal, é vontade de vencer, vencendo sempre, é ser tricolor acima dos demais. É sentir o sangue fluir mais rápido em suas veias e ouvir o seu grito ecoar mais distante.” (extraído de um site da torcida)

Os símbolos de uma torcida constituem, portanto, sua marca. Ao serem eleitos, tornam-se um sinal coletivo, indicador de sua identidade, estando seu significado referido, não neles mesmos, mas nas associações que possibilitam. É como se possuíssem uma aura capaz de evocar sentimentos e valores que animam a imaginação com visões retrospectivas e prospectivas que reafirmam a coesão coletiva destes agrupamentos.

O conjunto de símbolos de cada torcida é compartilhado por seus membros como verdadeiros sinais de distinção expressos em todo o material que produzem. Dentre eles, as camisas, as faixas, as bandeiras e os bandeirões, são elementos centrais, altamente valorizados pelos torcedores por garantirem reconhecimento e visibilidade, delimitando espaços nos estádios e reiterando identidades ao demarcarem diferenças, não somente entre as próprias organizadas, mas, especialmente, sua distância simbólica dos torcedores comuns (Toledo 1996).



(Torcida Jovem do Botafogo)

Os informantes assinalaram que é preciso ter cautela ao circular por certos lugares da cidade com a camisa da torcida. Especialmente em dias de jogos, o torcedor é orientado para que não se desloque sozinho, sendo comum que marquem pontos de encontro e saída para o estádio, como a própria sede da torcida. Isso se explica pela prática usual, entre torcedores rivais, do roubo de camisas, muitas vezes, exibidas no estádio como um troféu e queimadas como demonstração de que o adversário foi dominado, em algum momento. Tal atitude é encarada como afrontosa pela torcida.

Apresentar um grande número de bandeiras e bandeirões confere grande prestígio às torcidas, sobretudo em decisões, clássicos ou jogos entre rivais.



Certamente, esses adereços coletivos são os mais cobiçados pelos rivais que, muitas vezes, organizam verdadeiras operações para tentar apossar-se deles. Para qualquer torcida, ter algum deles em poder de outros é degradante e certeza de revanche, que na linguagem dos torcedores recebe a denominação de “troco”. Um caso exemplar ocorreu no dia 12/5/93 quando a sala da Torcida Jovem do Flamengo no Maracanã foi arrombada durante a madrugada. Foram roubadas todas as bandeiras, perfurados os instrumentos e pichadas as paredes com as seguintes frases: “Isso que vocês merecem”, “Cadê a Jovem Fla?”, “Vai começar o inferno”. Um dos dirigentes da torcida lamentou especialmente o roubo de uma bandeira gigante, de 40 metros de comprimento por 30 de largura, que teria custado na época cinco mil dólares. A ação foi atribuída à Força Jovem do Vasco, como uma resposta ao roubo de, pelo menos, três de suas bandeiras por parte da Jovem-Fla:

“Um troco vascaíno. É como as torcidas do Rio classificam o roubo do bandeirão da Jovem do Flamengo, que teve a sala, no Maracanã, arrombada segunda-feira. Rubro-negros acusam a Força Jovem do Vasco. ‘Eles contrataram um profissional para arrebentar com um maçarico, três portas de ferro’, acusa um integrante da TJF. A facção flamenguista já esteve três vezes na sala dos rivais. Nas invasões levou bandeiras exibidas como troféus de guerra nos jogos. Entre elas a do He-Man e a do monstro Eddie, que ilustra capas de discos da banda Iron Maiden e também, está no bandeirão da Força Jovem, guardado a sete chaves numa sala em São Januário” (**Jornal do Brasil**, 14/5/93).

A abertura do bandeirão no estádio é uma ocasião de grande expectativa, aguardada não apenas pelos organizados como pelos torcedores comuns, denominados de “povão”. É uma ação cuidadosamente planejada, pois exige perícia para que seja desfraldado no momento combinado e na posição correta. O movimento deve ser coordenado de tal forma que, ao passar pela arquibancada, permita a visualização do símbolo da torcida. É comum, então, que estourem fogos e fumaças com as cores do time.

“Se você vê como o povão, porque a gente chama de povão aquele torcedor que vai, que não liga para a torcida, quando chega o bandeirão, eles gritam, aquilo é orgulho para ele: ‘Ó, o bandeirão!’. Às vezes a gente até discute, ‘não abre agora, não puxa!’. Eles querem abrir de qualquer maneira e a gente tem que colocar na posição correta, para não abrir de cabeça para baixo, então é toda uma preparação e quando começa a abrir, eles ficam desesperados, vibram, gritam...!”

As faixas - onde em geral está escrito o nome da torcida por extenso - são utilizadas para delimitar territórios nas arquibancadas em dias de jogos.



(Torcida Young Flu)

Além disso, costumam ser viradas ou colocadas de cabeça para baixo em sinal de protesto, quando há descontentamento com a atuação do time. Elas também são cobiçadas pelos adversários, devendo ser cuidadosamente protegidas:

“...essa faixa é uma coisa assim que a gente... ela vai enrolada dentro de um isopor, levo ela para casa, fica na minha casa guardada (...) é uma faixa branca com um letra preta, ela tem 18 metros. Você pode colocar 529 faixas mas aquela tem que estar naquele lugar. Já tentaram roubar nossa faixa. “Vamos roubar essa faixa branca”. Tem que matar a gente primeiro. A grande glória de outra torcida é pegar a faixa de um e queimar do outro lado. A camisa eles tomam na rua, agora, a faixa é a glória, o troféu, uma faixa de uns 50 metros....Deus me livre e guarde...”

No Maracanã, há uma divisão pré-determinada, possivelmente, como estratégia para conter possíveis confrontos pois a separação dificulta um corpo a corpo maior entre os rivais, como observa Flores (1982:56):

“Há além disso, uma divisão de áreas, particularmente nas arquibancadas, “sagradas”, cuja “invasão” pode ser castigada com a agressão física.(...) Esta invasão de um território sacralizado é parcialmente evitada pela distribuição que parece tradicional/consensual prévia das torcidas em locais opostos nos estádios...”

Se a separação nas arquibancadas tende a minimizar os enfrentamentos diretos entre torcedores de diferentes times dentro dos estádios, nas imediações é bastante freqüente a

ocorrência de conflitos por serem áreas não claramente definidas, em que transitam torcedores de várias equipes.

Considerando o acesso pela estátua do Bellini, na avenida Maracanã (a outra é a do “Esqueleto” - pela Radial Oeste) após a rampa, à esquerda, ficam as torcidas do Botafogo e as do Vasco e à direita, as do Flamengo e as do Fluminense.

Quando jogam Botafogo e Vasco, as torcidas botafoguenses é que mudam de lado - passam para a direita porque são menores que as vascaínas. Se Fluminense e Flamengo se enfrentam ocorre o mesmo, sendo a torcida tricolor menor, ela se transfere para o lado esquerdo.

Existe ainda uma divisão territorial entre as torcidas do mesmo clube. Cada torcida, em função de seu tamanho e prestígio, tem uma localização e direito à colocação de um certo número de faixas. Assim, as Jovens, no Maracanã, posicionam-se atrás do placar à esquerda ou à direita. Vale dizer que, este espaço, já segmentado entre as torcidas organizadas de um mesmo time, é compartilhado pelos torcedores comuns, o “povão”.

O padrão de conduta desses torcedores é diferenciado, explicitando que não devem ser tratados como um único grupo, pois sob a aparente unidade do ser torcedor, evidenciam maneiras diversas de vivenciar seu amor pelo clube (Guedes 1977).

Observando-se, pois, o Estádio do Maracanã em dias de jogos, é possível perceber que ele se divide em territórios cujas formas de ocupação revelam seus ocupantes e suas rivalidades.

A localização das torcidas organizadas no estádio, tanto quanto suas manifestações, indica que este é um espaço tanto de consenso - torcer pelo mesmo time - , quanto de dissenso - as diferentes formas de adesão ao espetáculo futebolístico⁴ . Deste ponto de vista, as massas que aí comparecem não podem ser tratadas como homogêneas ou passivas.

Para o entendimento das redes de relação estabelecidas é crucial, investigar de que modo, histórias individuais e coletivas se cruzam com a história singular e repetitiva que se desenrola no campo (Bromberger 1995). Vale estar atento ao local escolhido pelos torcedores para se situarem, hora e modo específico de chegarem, bem como a participação corporal distinta, simbolizando formas diversificadas de adesão às associações torcedoras.

De acordo com essa perspectiva, o estádio configura-se num espaço em torno do qual tanto se desenrola o espetáculo do jogo de futebol, como também aquele fornecido pelos espectadores. A multidão constituída, temporariamente, num jogo de futebol, define-se em relação a diferentes mediadores simbólicos - jogadores, dirigentes, técnicos, juiz, etc. A conclusão a que se vai chegar é que as competições de futebol oferecem um suporte expressivo à afirmação de certas identidades coletivas.

No estudo que realizou junto às torcidas italianas e francesas, Bromberger (1995) observou a existência, na Itália, de uma rede mais estruturada de associações do que na França. Os *tifosi*, por exemplo, produzem uma participação minuciosamente orquestrada por um *capotifoso* fruto de uma poderosa combinação; enquanto na França, à exceção dos *ultras*, tais manifestações não são objeto de uma preparação cuidadosa. De acordo com o autor, os *ultras* são os mais expressivos poetas da guerra ritualizada colocada em prática pelas associações torcedoras. Organizados em comandos denominados de legião, brigada ou falange de assalto, exibem emblemas provocadores como caveiras e formam redes de aliança mutuamente antagonistas.

Tais observações são pertinentes para se pensar o fenômeno das torcidas organizadas, entre as quais estão igualmente presentes, especialmente nas Jovens do Rio de Janeiro, a temática da guerra, da morte, da paixão e do sexo. Através de tanques, esquadrões, pelotões, exércitos, facções, falanges, gritos de guerra, *slogans*, ritualiza-se uma espécie de combate. O universo militar inspira as torcidas, fornecendo-lhes símbolos e imagens que deslocados de

seu campo original são reapropriados de forma criativa. Isto quer dizer que certos sentimentos, relações e valores são, não apenas permitidos, mas especialmente colocados em destaque, explicitando a tensão e o antagonismo como constitutivos do relacionamento entre estes agrupamentos.

O jogo de futebol apresenta-se, deste modo, como uma ocasião privilegiada de teatralização das relações sociais. De acordo com DaMatta (1982), através dele, a sociedade brasileira se revelaria, deixando-se descobrir a partir de certos problemas significativos que são ali salientados.

Vale enfatizar que as manifestações realizadas no estádio, ao invés de criações espontâneas, fazem parte do aprendizado dos torcedores organizados. Torcendo de forma ritualizada, eles usam certos sinais distintivos, vestem-se de determinadas maneiras, atuam de acordo com coreografias e cânticos cuidadosamente orquestrados. A exibição de uma torcida organizada começa quando entra no estádio com suas bandeiras, geralmente, quando este já está lotado. Somente após ocupar o território que lhes é reservado, até então vazio, iniciam sua apresentação entoando gritos de guerra ao som da bateria. Movimentando-se ao longo de toda a partida, os torcedores organizados costumam descansar apenas nos intervalos, ao contrário dos outros torcedores.

A bateria é fundamental numa torcida e sua marcação dá o tom para as coreografias encenadas juntamente com os cânticos e gritos de guerra. Trata-se de um ação contínua que inclui a agitação frenética das bandeiras, além dos braços e mãos numa certa cadência. Quanto mais próximo da bateria, maior prestígio possuem os sócios. Geralmente, a sua volta ficam os torcedores “da antiga”, o “pessoal de frente”:

“Nós temos duas pessoas que fazem a fanfarra da torcida, são os caras que sabem todas as músicas de cor e salteado. A gente arruma um banquinho, eles sobem e incentivam a bateria que fica lá em cima. O pessoal que canta mais um pouquinho, a gente coloca na linha de trás e o pessoal que está começando a gente coloca lá na frente, depois vai subindo as escadinhas até chegar no topo. Começa assim, né? Porque a bateria, ali é o coração da torcida, onde fica todo pessoal da antiga, toda torcida funciona assim. Então, o próprio pessoal que está chegando novo, eles não ficam, né? Aí você percebe que o cara

vai subindo, aí arruma um amigo, aí o cara traz ele para cá, daqui a pouco, ele está ali no meio. Foi o que aconteceu comigo, com todos os outros. A gente começa lá no finalzinho, bem lá na beira, aí vai se chegando, pega uma viagensinha, aí o amigo que te levou te apresenta, tu é batizado...”

Sob a coordenação de um “puxador”, às vezes dois, a torcida dá o seu recado, de acordo com a exigência de cada jogo. Além de incentivar o time, o “puxador” procura desestabilizar o adversário, ridicularizando seus jogadores e sua torcida. No espetáculo que encena, tanto o encontro como a separação são celebrados e rigorosamente ritualizados.

De acordo com Mary Douglas (1991:80), os ritos criam uma realidade que sem eles nada seria, proporcionando um quadro, “o fato de acontecer num tempo e lugar pré-estabelecidos desperta em nós uma atenção particular, tal como a fórmula corrente “era uma vez...”, criando um estado de receptividade às histórias fantásticas”. Tal quadro fornecido pelo rito permitiria concentrar a atenção, estimulando a memória e ligando o presente a um passado pertinente. Todo ato ritual é, portanto, um ato criativo e seus símbolos mantêm-se enquanto inspiram confiança e eficácia quanto às mensagens que veiculam. Ademais, ele permite uniformizar situações, ajudando a avaliá-las.

Pode-se afirmar, então, que os rituais executados pelas torcidas recriam a experiência de cada uma, permitindo reafirmarem sua identidade coletiva por realizarem e reproduzirem certas idéias e valores sociais centrais para estes agrupamentos.

Quando falam em guerra, as torcidas estão encenando relações de amizade e hostilidade. Em sua retórica, termos como matar, morrer, destruir, guerreiro, combatente, capitão, atacar e invadir metaforizam tais relações. Os cânticos que elaboram constituem um material privilegiado para observar estes aspectos, por se tratarem de instrumentos centrais na manifestação verbal de suas vaidades, alianças e inimizades, euforias e frustrações.

Do ponto de vista da linguagem ritual do futebol, Murad (1996) identifica três códigos referentes à violência: um relativo à guerra/linguagem militar (artilharia, bomba, capitão, guerreiro, ataque, defesa, estratégia, invasão, inimigo, etc.); um de interdição/linguagem penal

(árbitro, penalidade, acusar, juiz, pena máxima, etc.); e finalmente um código de repressão/linguagem policial (alvo, blitz, barreira, tiro-livre, fuzilar, matador, roubar a bola, etc.).

Em virtude de sua importância, as torcidas possuem uma ala de compositores. Em geral, fazem bricolagens de marchinhas, sambas-enredos e mais recentemente de *raps* e *funks*. Além das músicas já conhecidas e “consagradas”, em que ao primeiro toque da bateria, a torcida começa a acompanhar, há aquelas que são cuidadosamente elaboradas para cada opositor, muitas vezes em resposta a uma provocação anterior ou remetendo-se a algum fato ocorrido durante a semana com um jogador ou em um jogo.

No estudo realizado junto a torcidas organizadas em São Paulo, Toledo (1996:64) faz uma análise detalhada da “fala torcedora” observando que:

“Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e gritos de guerra traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas *filtradas, codificadas em* músicas e versos, retirados da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes”

Esta visão sobre o outro, encontra no campo simbólico da guerra e do militarismo, elementos e categorias que são deslocados de seu contexto original e transformados em símbolos que assumem um caráter especial. Se na vida cotidiana estes sentimentos de ódio e vingança são considerados abusivos, no estádio, tornam-se possíveis e sua expressão é não apenas admitida como dramatizada.

A benção Ayatolá

Nosso povo te abraça

Tu vens em missão de guerra

Sê bem-vindo

E abençoa este povo que te ama.

Como se pode notar, este cântico é uma paródia da música composta para homenagear o Papa João Paulo II quando de sua visita ao Brasil. O detalhe é que, se neste momento, o Aiatolá é a figura lembrada, após a guerra do Golfo Pérsico, tornou-se comum exaltar Saddam Hussein:

Sou um guerrilheiro, que sozinho mato mil,
Torcida do Flamengo é a mais temida do Brasil.
se é para matar,
se é para morrer,
sou Torcida Jovem
e estou botando para fuder.
Aiatolá Khomeini, Aiatolá.
a benção Aiatolá...

Ataca, massacra, impõe seu valor
não tem medo da morte
aos inimigos causa horror
nós somos da Jovem
nosso lema é vibração
estamos sempre prontos
a cumprir qualquer missão
Saddam! Hussein! Saddam! Hussein!

Se os códigos da guerra e da morte estão aí presentes e se mantêm é porque de alguma forma comunicam com especial eficácia as percepções destes torcedores sobre o mundo em que vivem. Não basta dizer que os escolhem porque são violentos. Isto não explica o fenômeno, nem sua permanência, nem sua eficácia. É possível que através do futebol, os torcedores elaborem sentimentos, contradições, vivências que são ali ritualizados.

A violência é igualmente objeto de uma ritualização no espaço do estádio. Todavia, se ela ultrapassa os limites aceitáveis, há que se indagar, o que está ocorrendo na sociedade e não com os torcedores organizados isoladamente, como se fossem grupos que se reúnem pela violência, sem referência a outros contextos bem como às experiências constitutivas de sua

trajetória. Essencializá-la na prática desses indivíduos, condenando o futebol ou as torcidas organizadas, não vai tornar mais compreensível o fenômeno que se está desenrolando.

Na disputa verbal, os cânticos e gritos de guerra assumem formas de intimidação, provocação e humilhação, sendo muito comum que uma torcida responda aos insultos sofridos numa partida:

Quem for um guerrilheiro vai para puta que pariu,
Torcida do Flamengo é a mais frouxa do Brasil,
se é para apanhar,
se é para correr
Torcida do Flamengo tá cansada de sofrer
Aiatolá é tudo cu
Aiatolá é tudo cu
pau no cu do Aiatolá,
pau no cu do Aiatolá
Jovem-Fla só tem babaca
Falange só tem cuzão
e a Raça é a mais frouxa e não tem disposição

Nessa peleja verbal sempre estão presentes, além dos símbolos das torcidas, certas imagens associadas aos clubes. No embate armado a cada jogo, os estereótipos do flamenguista preto e pobre (o “urubu”), do vascaíno “bacalhau”, referindo-se ao português, como gordo e bigodudo, do tricolor “pó-de-arroz” como “fresco”, e especialmente, entre as organizadas, como “playboys” ou ainda a torcida botafoguense como a “cachorrada”⁵ são lembrados e reafirmados. Vale dizer que assim como o urubu pelo Flamengo, o símbolo do cachorro, do bacalhau e do playboy são auto-assumidos por suas torcidas, invertendo o caráter pejorativo quando atribuído pelos outros torcedores.

Domingo eu vou ao Maracanã..
vou torcer pro time que sou fã,
vou levar foguetes e bandeiras,
não vai ser de brincadeira ele vai ser campeão,

não quero cadeira numerada
eu vou na playboyzada prá sentir mais emoção.
Por que meu time bota pra fude
e o nome dele eu vou dizer,
êêêêêê Nense êêêê Nense

Cachorrada ê, ê, ê,
é a cachorrada ê, ê, ê,
dá porrada na Raça e na Fiel,
cachorrada é cruel, el, el, el.

De acordo com Leach (1983:174), quando um nome animal é usado como insulto, isto indica que o próprio nome está investido de potência, tornando-se então um foco de obscenidade, profanação.

O objetivo fundamental é a gozação do adversário, menosprezá-lo, ridicularizá-lo” (Flores 1982:54). Na realidade, irritar o oponente é um ingrediente fundamental do jogo que marca o relacionamento entre as torcidas. O importante é não passar despercebida, no anonimato (Toledo op.cit.), mas produzir uma reação, incomodar, provocar ou revidar mesmo que isso signifique ser xingada ou vaiada.

Ô Urubu, pode esperar, a tua hora vai chegar.
Ela, ela, ela, silêncio na favela (geralmente cantado para a torcida flamenguista).

Ô, ô, ô, todo viado que eu conheço é tricolor.

Ô, ô, ô, graças a Deus que eu nasci foi tricolor.
A RaçaFla já cansou de apanhar!
A YoungFlu pequenininha,
leva porrada e cabe dentro de um fusquinha

Eu sou
da Força Jovem eu sou
vou dar porrada eu vou
e ninguém vai me segurar
nem a PM.

Ô balancê, balancê
Vamos botar pra fuder
Eu sou da Jovem e vim para ver
o meu Flamengo vencer
Pode vir a cachorrada
Pode vir o pó - de - arroz,
Pode vir até a força do bacalhau
que a Jovem baixa o pau.

Já chegou a cachorrada
na hora da porrada
na hora de torcer
a cachorrada bota para fuder.

A, e, i, vou invadir.

Porra, caralho,
cara de cuzão,
quem manda nessa porra
é a torcida do Fogão (pode ser mengão, vascão, etc.).

Note-se que são enfatizados através desses cânticos, a virilidade, a honra, a coragem, especialmente através da desqualificação sexual do adversário, caracterizado como “cuzão”, “frouxo”, “viado”, “babaca”; ele é aquele que apanha, corre, sofre e “leva porrada”. De acordo com Leach (1983), o idioma da obscenidade recai sobre três categorias: os palavrões (comumente referidos ao sexo e à excreção), a blasfêmia e a profanação e o insulto animal - em que um ser humano é equiparado a um animal de outra espécie.

Como foi observado anteriormente, certos acontecimentos constituem-se em matéria-prima para a elaboração dos cânticos, como no caso da vinda do Papa ao Brasil.

Há ainda um outro episódio que ilustra de que modo os compositores se valem de situações e experiências muito variadas para produzirem suas músicas. Na final de 1992, entre Botafogo e Flamengo, no Maracanã, o alambrado de proteção da arquibancada se rompeu,

ferindo inúmeros torcedores da Raça Rubro Negra - torcida organizada que ocupa este local. Alguns morreram ao caírem nas cadeiras. A despeito da tragédia, no jogo seguinte, já havia uma música fazendo menção ao ocorrido:

Nada mais gostoso que cair da arquibancada,
Raça Fla caiu de lá.
ê...se fudeu....
RaçaFla na cadeira azul.

Ô balancê, balancê,
eu vou mostrar para você ê,
preserve a Raça, está em extinção,
vocês viram na televisão.
coitadinha da Raça,
a Raça do urubu,
tentou voar do Maraca legal
e despencou na geral.

A Raça refeita do ocorrido, revidou nos jogos seguintes:

Ô balancê, balancê, eu vou mostrar para você ê,
eu sou da Raça, torcida arrepio,
a Raça é o terror do Rio.
pode vir a cachorrada,
pode vir o pó-de-arroz,
pode vir a força do bacalhau
que a Raça baixa o pau.

Os ídolos são fundamentais nesse duelo musical. Através de suas atitudes em campo, ou fora dele, as torcidas tanto exaltam qualidades de seu time como ridicularizam os outros.

Deste modo, rivalidades são reescritas a cada jogo:

Lá, laiá é o Túlio Maravilha que chegou para abalar.

Túlio Maravilha nós gostamos de você.

Urubu otário quem tem Túlio não precisa de Romário.

Cobra-coral,
papagaio vintém,
Romário é chifrudo
e o Branco também.

Lá, laiá, quem tem Sávio e Romário já pode comemorar.

Muitas vezes, a resposta é feita utilizando-se a mesma música, seja para encarnar seja para se vangloriar, como neste caso, sobre o “ataque dos sonhos” do Flamengo:

Melhor ataque do mundo,
melhor ataque do mudo,
para um pouquinho,
descansa um pouquinho,
Sávio, Romário e Edmundo

Pior ataque do mundo,
pior ataque do mundo,
para um pouquinho,
descansa um pouquinho,
Sávio, Romário, Edmundo.

Na final, quando Flamengo jogou contra o Vasco, veio a resposta:

Segura o Sávio
e o Romário,
Vasco da Gama vai para casa do caralho.

A título de conclusão, vale dizer que os insultos proferidos não são dirigidos apenas às torcidas rivais e aos jogadores, mas também ao técnico, ao juiz, ao gandula e à PM.

O fato do palavrão e do xingamento serem largamente utilizados, ao invés de serem encarados como a manifestação de uma agressividade gratuita, devem ser pensados como formas de comunicação que fazem parte deste padrão de conduta. Tratam-se de canais através dos quais os torcedores organizados (e não apenas eles, apesar de o fazerem de forma sistemática) expressam suas opiniões, visões e conflitos. Isto significa que não são destituídos de sentido, “reportam-se, de maneira dramática, sempre aos temas e características da sociedade brasileira; representação de uma certa proeminência masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, desigualdades, hierarquias” (Toledo 1996:72).

O Estádio é uma espécie de palco onde os personagens-torcedores encenam sua paixão pelo time de futebol e pela torcida. Gesticulando, gritando, batendo palma, mantendo-se de pé, quase todo o tempo, desafiando verbalmente com seus cânticos o rival, humilhando e sendo humilhado, desfraldando e agitando suas bandeiras, suas camisas, numa sincronia e cadência marcadas pelo ritmo da bateria, os torcedores organizados, tornam visíveis para eles mesmos sua identidade coletiva, recriando-a ou modificando-a. Tudo isso em sintonia com o objeto maior de sua paixão, o clube de futebol, materializado num time que coloca em jogo, além das qualidades que o torcedor assume como suas - garra, malícia, gana, etc. - , a sua expectativa maior: a vitória, cujo principal símbolo é o gol. Este é a coroação, o momento maior do espetáculo, em que, momentaneamente, o clube se torna o “rei dali”, permitindo que a torcida reivindique o domínio daquele espaço, como confirma o grito abaixo:

Aha, Uhu, o Maraca é nosso.

Isto me faz lembrar Geertz (1978:311) e sua descrição da briga de galos em Bali quando afirma que :

“(...) ela (a briga de galos) assume certos temas: morte, masculinidade, raiva, orgulho, perda, beneficência, oportunidade -, e, ordenando-os numa estrutura globalizante, apresenta-os de maneira tal

que alivia uma visão particular da sua natureza essencial. Ela faz um construto dessas temas e, para aqueles historicamente posicionados para apreciarem esse construto, torna-os significativos, visíveis, tangíveis, apreensíveis - “reais” num sentido ideacional. Uma imagem, uma ficção, um modelo, uma metáfora, a briga de galos é um meio de expressão; sua função não é nem aliviar as paixões sociais nem exacerbá-las (embora, em sua forma de brincar com fogo ela faça um pouco de cada coisa) mas exibi-las em meio às penas, ao sangue, às multidões e ao dinheiro.”

Ao exibir sua paixão no estádio, de forma criteriosamente planejada, (mas que diversas vezes foge ao controle) o que o torcedor organizado faz, de algum modo, é explicitar para os outros torcedores sua forma de conceber e vivenciar o futebol, considerando-a, não apenas a mais legítima, como a mais importante para o seu time.

NOTAS

¹ As argumentações presentes neste artigo estão desenvolvidas: na dissertação de mestrado *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas* apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1998; e, no livro *Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo:Ed. Annablume, 2004.

² O organograma básico das torcidas consiste em: Presidência/Vice-presidência; Conselho; Diretor Financeiro; Diretor de Comunicação; Diretor de Faixas e Bandeiras; Diretor de Bateria. Para além destes podem ser encontradas variações, como Diretor de Vendas, Publicidade, Computação, Patrimônio, entre outros. Note-se que a existência de uma presidência já indica algumas das transformações sofridas pelas Torcidas Jovens. No início da década de 90, ainda predominava a denominação de chefe. Este não tinha um tempo previamente estabelecido no comando. Alguns ficaram famosos devido ao longo período que permaneceram à frente de suas torcidas, imprimindo um cunho pessoal a suas atuações.

³ Esta representação costuma ser associada à pirataria, às doenças contagiosas e à violência.

⁴ Do mesmo modo que nas cadeiras, há um espaço na arquibancada, menor que os outros, que reúne torcedores de ambas as equipes. Trata-se de uma espécie de área “neutra”, em que a convivência entre torcedores rivais é, não apenas permitida, como tolerada.

⁵ A denominação de cachorrada pode ser associada ao fato de um cachorro vira-lata, o Biriba, ter sido adotado em 1948 como mascote do time por Carlito Rocha - um dos mais importantes personagens na história do Botafogo - , tornando-se seu símbolo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROMBERGER, Christian. 1995. “Pour une ethnologie du spectacle sportif: les matches de football à Marseille, Turin et Naples”. *Cahier 7. Vers une ethnologie du present*. Paris: Éditions de la Maison de Sciences de l’Homme:211-243.
- DA MATTA, Roberto (org). 1982. “Esporte e sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro” In: *Universo do futebol: esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Pinakotheke:13-18.

-
- _____. 1994. “Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. *Revista USP. Dossiê Futebol* (22):10-17.
- DOUGLAS, Mary. 1991. *Pureza e perigo*. Lisboa, Edições 70. Perspectivas do Homem.
- FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. 1982. “Na zona do Agrião. Algumas mensagens ideológicas do futebol”. In: *Universo do Futebol: esporte e sociedade*. Rio de Janeiro, Ed. Pinakotheke: 43-57.
- GUEDES, Simoni. 1977. *O Futebol brasileiro - instituição zero*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GEERTZ, Clifford. 1978. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- LEACH, Edmund. 1983. “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal”. In: DAMATTA, Roberto. (org). LEACH, Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática:171-198.
- MURAD, Maurício. 1996. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural.
- PAIS, José Machado. 1995. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. 1998. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. 2000. “Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura”. In: ALVIM, R. e GOUVEIA, P. *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro:ContraCapa:103-132.
- _____. 2004. *Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo:Annablume.
- TOLEDO, Luís Henrique de. 1996. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: São Paulo:Autores Associados:ANPOCS.

Sobre a autora:

Rosana da Câmara Teixeira é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a dissertação: *Os perigos da paixão: representações e práticas das torcidas jovens cariocas*; e, doutora pelo mesmo programa onde defendeu a tese: *Krig-há bandolo. Cuidado aí vem Raul Seixas*, sobre a obra musical do cantor e compositor Raul Seixas, com ênfase na questão da idolatria e das redes de sociabilidade criadas pelos fãs. Contato: rosanadacamara@oi.com.br